

Narrativas de formação: um diálogo entre filosofia e formação de professores

Angelina Renata Andrade Ribeiro dos Santos¹
Darlan do Nascimento Lourenço²
Anderson de Alencar Menezes³
Walter Matias Lima⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo promover um diálogo entre filosofia e formação de professores através das narrativas autobiográficas como ferramenta de prática pedagógica na ressignificação da experiência. Para tal, utilizamos recortes filosóficos com vistas a discutir a noção de experiência a partir de estudos de Walter Benjamin, destacando aproximações sobre a memória como aspecto relevante da reconstrução do passado. Em seguida, através de pesquisa de caráter bibliográfico, tematizamos o campo de estudos autobiográficos em educação. Nesse exercício, analisamos o potencial das narrativas na formação de professores na medida em que através delas é possível compreender, interpretar e ressignificar a experiência nas histórias de vida.

Palavras-chave: Filosofia; Formação de professores; Narrativas autobiográficas; Walter Benjamin.

Training narratives: a dialogue between philosophy and teacher training

ABSTRACT: The aim of this article is to promote a dialogue between philosophy and teacher training through autobiographical narratives as a tool for pedagogical practice in the reframing of experience. To this end, we use philosophical excerpts to discuss the notion of experience based on studies by Walter Benjamin, highlighting approaches to memory as a relevant aspect of reconstructing the past. Then, through bibliographical research, we thematize the field of autobiographical studies in education. In this exercise, we analyzed the potential of narratives in teacher training insofar as through them it is possible to understand, interpret and give new meaning to the experience in life stories.

Keywords: Philosophy; Teacher training; Autobiographical narratives; Walter Benjamin.

Narrativas de formación: un diálogo entre filosofía y formación docente

RESUMEN: El objetivo de este artículo es promover un diálogo entre la filosofía y la formación docente a través de narrativas autobiográficas como herramienta para la práctica pedagógica en el replanteamiento de la experiencia. Para ello, utilizamos extractos filosóficos para discutir la noción de experiencia a partir de estudios de Walter Benjamin, destacando los abordajes de la memoria como un aspecto relevante en la reconstrucción del pasado. Luego, a través de una investigación bibliográfica,

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Licenciada em Filosofia e Mestra em Educação. E-mail: randraderibeiropsico@gmail.com.

² Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Licenciado em Filosofia e Mestre em Educação. E-mail: darlan.nlourenco@gmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto/Portugal. Pós-Doutorado em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: anderufal@gmail.com.

⁴ Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-Doutorado na Université Rennes II: Centre de recherche sur l'éducation, les apprentissages et la didactique (CREAD). E-mail: waltermatias@gmail.com.

tematizamos el campo de los estudios autobiográficos en educación. En este ejercicio analizamos el potencial de las narrativas en la formación docente en la medida en que a través de ellas es posible comprender, interpretar y resignificar la experiencia en las historias de vida.

Palabras-clave: *Filosofía; Formación de docentes; Narrativas autobiográficas; Walter Benjamín.*

Introdução

Em nosso percurso investigativo dentro das interfaces entre filosofia e educação, percebemos que vivemos ainda hoje o paradigma da ciência moderna: estamos sujeitos à aplicação das diversas tecnologias produzidas pelos cientistas na constante busca pela eficácia. Estabelecendo, assim, uma concepção hegemônica de desenvolvimento, onde a principal via acontece através da fragmentação do saber e da busca constante de comprovação de resultados.

Dentro dos diversos objetos de investigação no campo educacional, temos aqui a formação de professores como principal alvo de análise. Sendo este artigo resultado do comprometimento de uma perspectiva contra hegemônica da ciência, em especial da educação, pensada a partir do binômio experiência/sentido, utilizaremos como categoria de análise a utilização de narrativas autobiográficas, podendo assim pensar e dar sentido à formação dos docentes através do que acontece em suas vidas, através de suas experiências.

A escolha das narrativas autobiográficas como instrumento para a formação de professores baseia-se na compreensão de que seu uso possibilita a construção/desconstrução das experiências do professor, sendo assim, coloca-os no centro do debate educativo e das problemáticas de investigação. Corroborando a afirmação de Nóvoa (2000) de que o uso de abordagens como as biografias são fruto da insatisfação em relação ao tipo de saber produzido.

Ademais, o uso de narrativas como instrumento de formação docente tem sido uma prática bem sucedida, uma vez que coloca os professores no centro do debate educativo, oportunizando-os serem sujeitos de sua própria história e contribuírem ativamente para a pesquisa científica de cunho educacional.

Outrossim, a perspectiva em torno do conceito de experiência adotada aqui tem seus fundamentos em Walter Benjamin (1892-1940). Filósofo judeu alemão, colaborador do círculo de intelectuais do Instituto para a Pesquisa Social de Frankfurt, ou simplesmente, Escola de Frankfurt. Importante destacar que, para Benjamin, a experiência representa importante vínculo que insere o ser humano em uma constelação que vai desde as esferas culturais e sociais, a política e a formativa, entre outras. Por essa perspectiva, a premissa da experiência, sob a égide benjaminiana, representa um esforço acentuado por parte do pensador para refletir como a

sociedade contemporânea, herdeira do projeto da modernidade, lidou com os processos desencadeados no interior da recente sociedade capitalista e como esses eventos influíram na reprodutibilidade humana frente à experiência.

Justamente neste cenário que envolve o desenvolvimento do capitalismo em meio às convenções modernas é que precisamos notar outro detalhe que se mostra relevante, isto é, o avanço da técnica. Em outras palavras, o comportamento racionalizado instrumentalmente que tem na técnica o médium para a obtenção da eficiência e eficácia nas ações humanas, faz com que a experiência seja negada, conforme Benjamin (2012).

A isto o pensador berlinense credita o fato da capacidade humana de experienciar está em declínio (Benjamin, 2012). No lugar das verdadeiras trocas que possibilitam o contato com a tradição de uma dada comunidade por meio, por exemplo, da narração; há um comportamento calculado e mecanizado que visa tão somente fins. Tais fins poderão representar o processo de colonização da experiência humana pela racionalidade técnica, impondo-lhe sua destituição.

Neste ponto da discussão, desvela-se, portanto, uma relação dialética entre narrativa e experiência. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo promover um diálogo entre filosofia e formação de professores através das narrativas autobiográficas como ferramenta de prática pedagógica na ressignificação da experiência, demonstrando sua importância na medida em que contribui para a superação da perspectiva hegemônica dentro da pesquisa educacional.

No tocante à metodologia adotada, o presente trabalho se trata de um estudo bibliográfico de teor qualitativo, em que os argumentos e dados serão analisados e refletidos de modo crítico e reflexivo subsidiados em referenciais teóricos já publicados (Lakatos; Marconi, 2017). De modo que, seja possível visualizar o devido encadeamento lógico entre os elementos e suas contribuições nos âmbitos da filosofia e da educação, e estas com a realidade de fato.

Nesse contexto, este estudo estará dividido em três momentos: será apresentada, de modo geral, algumas considerações em torno do conceito de experiência e suas relações com a narração e com a técnica; o uso de narrativas autobiográficas na formação de professores; e como a teoria benjaminiana poderá ser uma via provável na formação de professores.

1. Notas sobre a experiência em Walter Benjamin

Refletindo em torno dos acontecimentos que compreenderam a Modernidade e, sobretudo, a influência que esta assume na sociedade contemporânea, Benjamin elabora, no transcorrer das primeiras décadas do século XX, uma sequência de ensaios destacando o tema

da experiência. Entre os quais se destacam: ‘Experiência e Pobreza’ (1933); ‘O Narrador – Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov’ (1936) e ‘Sobre alguns temas em Baudelaire’ (1940). No entanto, textos da sua juventude já ofereciam a discussão em torno da experiência, é o caso de ‘Experiência’ (1913) e ‘Sobre o programa da filosofia do porvir’ (1917/1918). Isso é capaz de demonstrar como esta temática se revela notável em sua proposta filosófica.

Por essa perspectiva, ao tomar o conceito de experiência enquanto categoria, o filósofo alemão busca examinar de que modo as transformações ocorridas no âmago da recente sociedade capitalista, a partir do século XIX principalmente, foram impactantes de modo a provocar uma alteração significativa na forma como era concebida a experiência humana em seu aspecto tradicional (Mitrovitch, 2011). Dito de outro modo, como as mudanças na maneira de estabelecer meios de sociabilidade do ser humano, advindas do recente comportamento urbano, associado ao transcurso da modernização social e industrialização, foram capazes de causar uma singular renovação no jeito como a realidade era apreendida e vivenciada (Bolle, 2022).

Essa aparente crise no modo de experienciar advindas das transformações que agitaram a compreensão do indivíduo moderno provocaram, também, o desejo de novos comportamentos. A maioria deles para suprir exigências sociais mais iminentes a esses contextos, demandando em formas atualizadas de agir que alteraram, por sua vez, a própria disposição social e política que envolve o indivíduo. Implicando, por conseguinte, na privação de referências históricas e identitárias, ou seja, suscitando no sujeito um desejo irracional e premente de se adequar em um dado cenário que seja viável a lhe proporcionar uma sensação de pertencimento. De forma que:

a onipotência do sistema capitalista, reificado no mito da modernidade, estaria [...] deturpando as consciências individuais, narcotizando a sua racionalidade e assimilando os indivíduos ao sistema estabelecido. Esses se incorporam hoje na totalidade do sistema, sem condições de uma autodeterminação, sem participação na elaboração no futuro da humanidade, sem possibilidade de uma resistência crítica [...] (Freitag, 1990, pp. 20-21).

Por esse prisma, a crítica social na qual Benjamin reflete a conjuntura em que a experiência fora posta pouco a favoreceu, explicitamente no que diz respeito à sua reprodutibilidade de modo pleno, conforme visto acima. Sendo assim, o pensador berlinense carrega consigo um programa ousado cujo propósito é produzir uma análise dialética deste horizonte. A isto corresponde que, em Walter Benjamin, é permitido enxergar a edificação de uma refinada teoria da experiência que conserva em sua finalidade refletir os cursos de uma

sociedade envolta à acontecimentos que determinaram profundamente a capacidade de intercambiar relações, seja com o mundo como um todo ou mesmo entre os indivíduos, e que desses obstáculos e contradições, surgiram cenários que foram capazes de evidenciar uma crise humana gritante, ou mesmo, de uma nova barbárie (Benjamin, 2012).

Sociedade e indivíduo, tradição e ruptura, ideologia técnica capitalista e luta de classes etc., constituem temáticas que fazem parte do itinerário elaborado pelo pensador alemão cujo interesse reside em examinar quais são as alternativas possíveis para a restituição da experiência. Que, para o autor, está em declínio (Benjamin, 2012). E, este declínio representa a maneira pela qual a sociedade deixou de experienciar ao mesmo tempo que passou a reproduzir formas predatórias de comportamentos derivadas de uma racionalização do mundo. Uma vez que:

A crise da racionalidade moderna está justamente em manter sob tensão os elementos que nela se ocultam e se determinam como irracionalidade. A dimensão instrumental e pragmática, conjuminada ao desenvolvimento da razão como esclarecimento e emancipação, deixa seu rastro histórico a herança mítica da dominação e do acúmulo [...] (Fabiano, 2012, p. 241).

De modo que, com os escritos da década de 1930 em diante, elencados acima, Benjamin passa a admitir a experiência como uma forma de conhecimento tradicionalmente passado de geração a geração, e que vinha enfraquecendo-se a partir da modernidade. Consequentemente, após 1940 em uma obra publicada postumamente intitulada “Sobre alguns temas em Baudelaire”, é que o autor apresentou o conceito de experiência atrelado à esfera da sensibilidade, denominando-a não mais como “experiência” (*Erfahrung*) simplesmente como nos escritos anteriores, mas também como “vivência” (*Erlebnis*).

Isto posto, o conceito de experiência, sob a perspectiva da expressão alemã *Erfahrung* emerge, conforme a teoria benjaminiana, associada à ideia de recriação, reinvenção coletiva e, a partir daí, comunga da premissa histórica. De modo que, concebidas juntas (experiência e história), cumprem uma rota que comporta as dimensões formativa e transformadora (Lourenço; Menezes, 2023). Rigorosamente distinta é a noção de experiência como vivência, aqui encarada pela expressão alemã *Erlebnis*, associada ao culto do tempo presente, por meio da rotinização degradada do sujeito humano, seja de modo particular ou coletivo, que representa a marca característica da dinâmica da sociedade capitalista contemporânea (Idem).

Em outros termos, ao passo que a experiência (*Erfahrung*) manifesta-se na qualidade de evento decisivo que possibilite uma *práxis* redentora e revolucionária, por instituir o devido

revisitar do passado histórico que possibilite a transformação do presente. De modo distinto, a vivência (*Erlebnis*) se mostra tão somente submissa à disposição veloz da organização do trabalho produtivo intrínseca à lógica do capitalismo sem que, em seu âmbito, se abra espaço para a memorização, apenas para o comportamento automático típico do fluxo insistente que os tempos modernos necessitam. Com isso, poderemos refletir com Agamben (2005, p. 22) quando diz que “[...] o homem moderno volta para casa à noitinha, extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozés -, entretanto nenhum deles se tornou experiência”.

Sob essa perspectiva, notemos, com ênfase, que o malogro sofrido pela experiência (*Erfahrung*) conforme Benjamin (1975), reside precisamente na incapacidade de reação da *Erfahrung* àquilo que poderia servir de reconstrução para garantir uma memória histórica na forma de uma narrativa, e esta pudesse viabilizar caminhos alternativos para suplantar esse panorama opressor, sobretudo porque foi imposto pelo imediatismo que a vivência (*Erlebnis*) lhe impôs. Sendo assim, o desalento sofrido pela *Erfahrung* esbarra em seu ponto de maior destaque no momento em que forças sintéticas originárias da sociedade capitalista moderna lhe priva de manter sua reprodutibilidade.

É possível notar que o programa proposto pela premissa benjaminiana de revisite do passado histórico enquanto experiência (*Erfahrung*) transformadora carrega consigo a possibilidade de reinserir o potencial narrativo, este perdido com a ascensão da técnica, imposta pela ideologia capitalista. Além disso, com a retomada da narrativa, poderia-se impor uma mudança considerável na forma como a história é reproduzida. Em torno deste ponto podemos dialogar com as palavras de Gagnebin quando a pensadora defende a tese que a:

Reconstrução da *Erfahrung* deveria ser acompanhada de uma nova forma de narratividade. A uma experiência e uma narratividade espontâneas, oriundas de uma organização social centrada no artesanato, opor-se-iam, assim, formas “sintéticas” de experiência e narratividade [...] frutos de um trabalho de construção empreendido justamente por aqueles que reconheceram a impossibilidade da experiência tradicional na sociedade moderna e que se recusam a se contentar com a privacidade da experiência vivida individual (*Erlebnis*) (Gagnebin, 2012, p. 9-10 – grifos próprios).

O programa revolucionário e, ao mesmo, redentor que Benjamin (2019) sugere ao visualizar na História a dimensão de experiência (*Erfahrung*) e esta como possibilidade de alterar o curso da historiografia tradicional, inserindo novas possibilidades de narratividades demonstra interesse do pensador berlinense em fixar argumentos mais contundentes para expor

a face mais bárbara que cerca o projeto do capital. Isto é, do mesmo modo que o capitalismo estabelece um empreendimento no qual o ideal de modernização da sociedade, riqueza e de desenvolvimento dos meios produtivos se mostram claros, obscurecem comportamentos que encarregam-se em conter a competência crítica e reflexiva dos seres humanos, elevando-os sempre para o futuro e convertendo-os em pobres de experiências na qualidade de memória coletiva, além de instituir-lhes uma postura fascista que ceifa sua liberdade em forma de uma nova barbárie. Barbárie, uma vez que a técnica se mostra como veículo facilitador e responsável por evidenciar a pobreza de experiência que tornou a sociedade sua cativa. Por esse aspecto, Benjamin se mostra contundente quando afirma que:

Nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e visões de mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, confessemos: essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie. Barbárie? Sim, de fato. Dizemo-lo para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda [...] (Benjamin, 2012, pp. 124-125).

O diagnóstico proposto por Benjamin no trecho acima, contido em um dos seus mais destacados ensaios, a saber: ‘Experiência e Pobreza’, introduz, sobremaneira, a inquietação que o filósofo alemão nutria em torno da repercussão avassaladora para a humanidade que é a perda da capacidade de experienciar de modo autêntico. E, sob o pressuposto de um dado sentimento de progresso se ver emergir formas unidimensionais de comportamento social. Com isso, influenciando na reprodutibilidade histórica e nas narrativas que sustentam tais vivências.

Assim, como a crise da experiência possui relação concomitantemente com a quebra dos estímulos provenientes da tradição e com o avanço desumano da técnica, é viável considerar que deste panorama ganha horizonte uma compreensão histórica que coincide com uma visão homogênea e vazia (Benjamin, 2019). Dito de outro modo, as heranças históricas passadas à civilização constituem-se, portanto, de narrativas dos vencedores, ou seja, daqueles que impuseram maneiras de sociabilidade que, de modo algum, correspondem às imagens de mundo experienciadas pelas pessoas de maneira autêntica.

Por essa perspectiva, se faz necessário compreender como o resgate da experiência em seu sentido autêntico (*Erfahrung*) equivale a trazer à tona narrativas que correspondam a um constructo identitário propriamente. Com isso, o uso de narrativas autobiográficas pode representar a recuperação desse potencial original da experiência pensado por Benjamin.

2. O uso das narrativas autobiográficas na formação de professores

É recente o discurso que o professor deve ensinar partindo das experiências do aluno. Entretanto, esse discurso merece uma análise de suas condições materiais, e de modo aligeirado podemos afirmar que é um discurso que responsabiliza o docente pelo sucesso (ou insucesso) da aprendizagem e esconde o que há por trás das formações de professores. Cada vez mais voltadas ao mercado de trabalho, as formações dos professores têm-se preocupado com o bom uso da técnica, ou seja, com aquilo que está fora. Em oposição a isso, ao utilizar narrativas, partimos da experiência dos professores. Colocar os professores no centro do debate educativo e das problemáticas de investigação possibilita que a experiência do professor seja fonte de conhecimento.

As narrativas autobiográficas dentro das ciências da educação surgiram inicialmente na Alemanha no final do século XIX, como alternativa sociológica ao positivismo. No Brasil, a utilização de narrativas autobiográficas de formação cresceu a partir dos anos de 1990 nas pesquisas desenvolvidas na pós-graduação em educação (Freitas; Ghendin, 2015).

Todavia, apesar de seu crescimento, sempre foi alvo de críticas no que diz respeito à fragilidade metodológica, à validade científica, à excessiva referência aos aspectos individuais. Críticas claramente baseadas no paradigma da ciência moderna, de cunho positivista, que invalida a subjetividade como um valor de conhecimento. Isso não quer dizer que não seja necessária vigilância quanto sua consistência teórico-metodológica. Como lembra Nóvoa (2000), todo sucesso é perigoso, uma vez que ao tornar-se moda, facilita produções pouco consistentes devido aos reducionismos e às apropriações acríticas.

Encontramos, no decorrer da pesquisa bibliográfica, uma variedade de terminologias para nosso objeto de pesquisa. Histórias de vida, narrativas autobiográficas, método (auto)biográfico, entre outros. Além disso, a constatação de que existe uma variedade de ferramentas de procedimentos de recolha, tais como documentos pessoais, diários, cartas, fotografias, entrevistas orais e/ou escritas. Tal diversidade pode vir a dificultar ou mesmo confundir o pesquisador no processo de definição de categorias.

Portanto, cabe ressaltar que neste artigo estamos utilizando a terminologia narrativas de formação tendo em vista que o objetivo principal é falar da experiência de formação, isto é, que apresenta um segmento da vida durante o qual o indivíduo esteve implicado num projeto de formação (Freitas; Ghendin, 2015).

Formação, é parte considerável do processo de humanização e, portanto, compreende o desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos. Sendo um processo, é contínuo, tal como uma construção de sentido de si próprio que não se esgota ao término de um curso, mas prolonga-se pelo percurso da vida pessoal e profissional.

Em meio às discussões teórico-metodológicas, temos as contribuições das narrativas autobiográficas no processo de formação de professores. Como aponta Passeggi (2011), um dos princípios fundadores das escritas de si como prática de formação é a dimensão autopoietica da reflexão biográfica. A narrativa da própria história possibilita a reinvenção de si na medida em que a pessoa procura dar sentido às próprias experiências.

Cunha (1997) defende a ideia que as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si mesmas e ao relatar os fatos vividos reconstruem a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Tendo isso em vista, Cunha (1997, n.p.) ressalta:

O fato da pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos. [...] a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade.

De acordo com Cunha (1997), as narrativas têm o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma, isto é, o reconhecimento e a reflexão do sujeito sobre si mesmo para melhor reconhecer-se como profissional educador.

As narrativas autobiográficas destacam as experiências únicas de cada indivíduo, promovendo uma compreensão mais profunda da diversidade sociocultural na qual está inserido. Ao passo que dão voz aos professores, permite que compartilhem suas experiências, ideias e perspectivas, contribuindo para o desenvolvimento de um senso de empoderamento na profissão docente.

Ao compartilhar suas histórias, os educadores podem se conectar com outros profissionais, construindo uma comunidade de aprendizagem e apoio mútuo. Ademais, as narrativas podem inspirar inovação e mudança na prática educacional oferecendo a

ressignificação da experiência no que diz respeito à novas abordagens, estratégias e métodos de ensino.

As narrativas autobiográficas desempenham um papel crucial na pesquisa educacional, ampliando nossa compreensão das complexidades da prática pedagógica e impulsionando o desenvolvimento de abordagens mais inclusivas, reflexivas e eficazes para a educação.

Nesse ínterim:

Esses relatos, ao serem trabalhados, favorecem o redimensionamento das experiências de formação e das trajetórias profissionais, pois tendem a fazer com que transformem a prática atual através de novas opções, novas buscas e novas formas de conduzir o ensino. (Catani et al., 1997 *apud* Freitas; Ghendin, 2015, 119)

Experiência e narrativa se imbricam e tornam-se parte da expressão de vida de um sujeito. Desse modo, constrói-se a ideia de que assim como a experiência produz o discurso da narrativa, o discurso é capaz de produzir a experiência. Isso acontece quando ao mesmo tempo que o sujeito organiza suas ideias para o relato, reconstrói sua experiência, tendo a oportunidade de refazê-la pelas vias da reflexão-ação. Ou seja, é uma relação que provoca mútuas influências. Entendemos, portanto, que:

Trabalhar com narrativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós (Cunha, 1997, n.p.).

Dentro dessa relação dialógica, a prática com o uso de narrativas autobiográficas na formação de professores permite aos envolvidos mudanças na forma como compreendem a si mesmos, assim como possibilita a reconstrução do sentido de sua trajetória, seja compreendendo o todo do seu percurso, seja pensando a construção de um novo caminho.

Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. (...) As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se até difícil separar o vivido do que está por viver (Cunha, 1997, n.p.).

Ao retomar o ponto de partida desta seção - do discurso recente de que na relação ensinar-aprender os professores devem partir da experiência do aluno - identificamos ao longo da pesquisa que:

Usar narrativas como instrumento de formação de professores tem sido um expediente bem sucedido. Não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem, também, como sujeitos de sua própria história (Cunha, 1997, n.p.)

Conhecendo, portanto, o impacto das narrativas no processo de formação de professores, cabe-nos agora através dos recortes filosóficos que foram apresentados, promover o diálogo entre a filosofia de Benjamin e a formação docente. Tal diálogo será desenvolvido a partir da noção de experiência - como importante categoria benjaminiana - e o saber da experiência presente no uso de narrativas autobiográficas.

3. Benjamin e a formação de professores

A leitura que fazemos das narrativas de formação através da filosofia de Walter Benjamin é a de que as narrativas podem auxiliar no enfrentamento de problemas cotidianos e práticas culturais que permeiam o avanço da técnica, cada vez mais consolidadas pelo capitalismo. Uma vez que, no contexto da sociedade capitalista, “[...] a fragmentação do cenário social ameaça nos destituir da capacidade de narrar o ocorrido” (Mitrovitch, 2011, p. 26). Daí a necessidade de colocarmos os professores no centro do debate educativo, ou seja, as narrativas autobiográficas possibilitam a ruptura com a visão da racionalidade técnica instrumental que valoriza a discussão em torno da transmissão de conhecimentos situados historicamente e acessados a partir da memória.

Dentro da historicidade que encontramos na filosofia benjaminiana, a memória é um fio condutor para a expressão das experiências autênticas. Sendo assim, por meio das narrativas autobiográficas podemos acessar - ainda que brevemente - as circunstâncias, as histórias de vida e os movimentos de mudança que refletem a prática dos docentes.

Outrossim, rememorar amplia a noção do sujeito e de sua história, e o coloca frente suas rupturas e possibilidades. Todavia,

A rememoração não consiste na reconstrução do passado no presente, mas, sim, na construção de um novo elo entre o passado e o presente. Tendo em vista que a história não se repete, mas está em movimento, em construção, à espera de desdobramentos múltiplos, a rememoração se dá na construção de uma história aberta, fundada na relação com o outro, em um diálogo com os estilhaços do passado, explicitando as condições, as ressignificações, trazendo a pluralidade de sujeitos (França; Prado, 2016, p. 315).

Benjamin destaca o enfraquecimento do saber da experiência a partir da modernidade e valoriza o papel da memória na transmissão desse saber de geração em geração. Sendo assim, a partir da perspectiva benjaminiana, o uso de narrativas de formação pode possibilitar o fortalecimento da imagem do professor como sujeito ativo e intelectual, uma vez que naquele momento é ele o sujeito da memória como fio condutor do saber da experiência. Com isso temos que, pensar uma formação subsidiada no aporte benjaminiano equivale a “[...] refletir acerca de uma concepção de educação pautada na perspectiva anunciada por um conceito de experiência formulado como antítese aos saberes científicos” (Mitrovitch, 2011, p. 22).

Importante frisar que, sob a premissa benjaminiana de resgate da *Erfahrung* enquanto momento decisivo da retomada da experiência autêntica, precisamos encarar, ainda, a presença do professor para além dessa posição de protagonismo em meio à função docente. Mas, também, como capaz de ser o agente motivador e mediador em outros seres humanos para que esses assumam uma atitude que partilhe da premissa da experiência enquanto possibilidade de retomada da memória histórica e coletiva e esta seja uma expressão legítima de novas formas de narratividade que viabilize aprendizagens mais consistentes em relação à experiência em seu sentido original e vinculadas à sua própria realidade.

De certo que, no âmbito escolar, a narração deveria corresponder a um importante difusor de experiências coincidentes com as impressões sensoriais e os entendimentos cognitivos de cada estudante. Assim, compreenderia o itinerário formativo condizente a um processo de aprendizagem em sentido amplo, valorizando a capacidade de experienciar a realidade e o mundo de modo autêntico, muito distante da reprodutibilidade do saber técnico instrumental, que é expressão de uma forma de experiência mais imediata, pré-reflexiva e precária.

Por narratividade, portanto, veríamos emergir conteúdos partilhados no contexto escolar que pudessem ser a síntese de realidades distintas reunidas em um conglomerado de experiências que representassem novos sentidos na realidade formativa propriamente. Ademais, tais conteúdos iriam representar um modo alternativo de lidar com a insistente ofensiva da racionalidade técnica, uma espécie de razão capaz de oportunizar a recuperação do potencial crítico e reflexivo, não apenas a reprodução de comportamentos mecanizados que visam a eficácia e a eficiência nos processos produtivos. Uma vez que, partilhando da reflexão trazida por Agostini (2019, p. 53), “fora do nível crítico, recai-se quase sempre na acomodação, no ajustamento e na adaptação”.

Com isso temos que a retomada de potencial crítico e reflexivo representaria um processo amplo de conscientização. Nesse sentido, retomemos Agostini (Idem; Ibidem) para aprofundarmos esta compreensão quando o autor coloca que:

A conscientização propõe uma educação, enquanto processo de democratização fundamental, que coloque à disposição do povo meios para que este supere uma captação mágica, ingênua e mesmo fanática da realidade para assumir uma leitura crítica da mesma. [...] A conscientização realiza-se com mulheres e homens que unem consciência e mundo, não existindo fora da práxis.

Para além disso, o importante elo que une narração e processos educativos enquanto evidência capaz de instituir uma formação baseada em estruturas narrativas autobiográficas apontam para uma direção, isto é, a necessidade de restituição das premissas culturais que subjazem dada comunidade. Essas premissas representam, outrossim, heranças imprescindíveis para a constituição e consolidação da personalidade identitária de um povo. Compreendendo-se, por isso, a urgência da restituição da experiência em seu sentido pleno, pois, desse modo, seria possível visualizar o alcance dessas premissas identitárias na forma de relatos da tradição histórica de uma comunidade de artesãos, de uma etnia indígena, ou mesmo, de núcleos populares de trabalhadores e/ou comunidades de gênero, que têm lutado diuturnamente por reconhecimento.

Os exemplos listados acima servem para ilustrar como se mostra importante encarar narrativas de formação baseadas em estruturas autobiográficas que sejam responsáveis por restituir a experiência enquanto meio possível de impor uma atualizada forma de organização social até. Uma vez que, sob esse novo âmbito, se veriam reunidos no mesmo plano subjetividades distintas aptas a agirem de maneira colaborativa. Isso se torna claro ao observar na medida que somos capazes de perceber que, por meio das construções narrativas fruto do processo de rememoração histórica de experiências, evidenciaremos vozes distintas comunicando seus relatos de vida e que estes possam sugerir novas formas integrativas e emancipadoras. Pois, a formação direcionada à racionalidade técnica e instrumental possui como ponto de orientação seguir o caminho inverso ao disposto acima. Em outras palavras, ao emudecimento de experiências de vida e, também, à imposição de comportamentos autoritários e hegemônicos.

Conclusão

A concepção de Walter Benjamin de que a experiência é um saber atrelado à sensibilidade e uma forma de conhecimento transmitido de geração em geração pela memória nos possibilita pensar a formação de professores a partir da tríade *experiência-narrativa-sentido*. A tríade experiência-narrativa-sentido compõe-se na medida em que entendemos o saber da experiência atrelado à sensibilidade, colocando-nos frente aquilo que nos acontece, ao que nos faz sentido e utilizamos as narrativas como recurso linguístico para comunicar esse saber ao outro ou à nós mesmos.

A análise do conceito de experiência em Walter Benjamin contribui para refletir de forma ampla e estabelecer um diálogo entre filosofia e formação de professores. Ao fazer referência à narratividade como recurso linguístico da memória e da experiência, Walter Benjamin nos auxilia a compreender o uso de narrativas autobiográficas como ferramenta de práticas pedagógicas no processo de formação de professores pela ressignificação da experiência.

A proposta do uso das narrativas na formação de professores a partir de um viés filosófico contribui para a construção e quiçá efetivação de um projeto educacional emancipador que, em oposição à perspectiva positivista sinalizada inicialmente, valorize a subjetividade como conhecimento.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

AGOSTINI, Nilo. *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. Trad. Edson Araújo Cabral e José Benedito de Oliveira Damião. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *O anjo da história*. Trad. João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrôpole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. 3ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

CUNHA, M. I. Conte-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Rev.Fac. Educ.*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p.1-10, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/ZjJLFw9jhWp6WNhZcgQpwJn/?lang#>. Acesso em: 13 set. 2023.

FABIANO, Luiz Hermenegildo. O discreto charme do esclarecimento: magia, arte e racionalidade obscurantista. In: PUCCI, Bruno; COSTA, Berlamino Cesar G. da; DURÃO, Fabio A. (Orgs.). *Teoria crítica e crises: reflexões sobre cultura, estética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2012.

FRANÇA, Cyntia Simioni; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Formação de Professores: Possibilidades que se Configuram no Trabalho com Memórias e Narrativas. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 17, n. 4, p. 310-316, 2016.

FREITAG, Bárbara. *A Teoria crítica ontem e hoje*. 3ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1990.

FREITAS, Liliane Miranda; GHEDIN, EVANDRO LUIZ. Narrativas de Formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. *Revista Contemporânea de Educação*, vol. 10, n. 19, jan./jun., 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LOURENÇO, Darlan do Nascimento; MENEZES, Anderson de Alencar. Crise da experiência narrativa: por uma pedagogia à contrapelo histórico e emancipadora In: X Encontro de Pesquisas em Educação de Alagoas (EPEAL), 2023, Maceió. *Anais do X Encontro de Pesquisas em Educação de Alagoas (EPEAL)*. Lutas, resistências e desafios na pós-graduação. Vol. 1. Maceió, 2023.

MITROVITCH, Caroline. *Experiência e formação em Walter Benjamin*. São Paulo: Unesp, 2011.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: _____. (Org.). *A vida de professores*. Porto: Porto Editora, 2000.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, [S. l.], v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 13 set. 2023.

Recebido em: agosto de 2023.

Parecer em: setembro de 2023.

Publicado em: outubro de 2023.